



HASHTAG SOB O OLHAR DA RESISTÊNCIA:

#Elenão em análise

Deborah Pereira¹

1 INTRODUÇÃO

A hashtag é definida, por Marie-Anne Paveau (2013), como um segmento linguageiro precedido pelo sinal # - que a torna clicável e possibilita a criação de um fio. Assim, a autora compreende as hashtags como “tecnopalavras clicáveis (...) que permitem a organização da informação pela reunião de várias mensagens[...]” (ibidem, p. 8). Além disso, é interessante notar que a hashtag possui uma função essencialmente social que propicia, segundo Paveau (2017), a “filiação difusa dos usuários permitindo a tecnoconversionalidade e a investigabilidade (pesquisabilidade) da fala” (ibidem, p. 198, tradução minha).

Deste modo, pelo seu caráter investigável e organizável, entendo que as hashtags funcionam como um arquivo (noção de Pecheux) uno e ao mesmo tempo disperso, operando como um elemento que unifica diferentes discursos textualizados nas redes. Assim, no arquivo formado por uma única hashtag, por exemplo, é possível encontrar múltiplos textos, imagens, posts, vídeos, propagandas, enfim, tudo que as redes sociais permitem e, paralelamente a isso, muitas formações discursivas diferentes, em disputa também podem fazer parte de uma mesma hashtag. É o caso, por exemplo, da hashtag #foratemer (popularizada durante 2016 e 2017). No exemplos abaixo (imagens 1 e 2), é possível observar dizeres com #foratemer filiando-se a uma posição discursiva mais à direita, que pede a volta da ditadura militar e também mais filiada à esquerda, clamando um “volta Dilma”.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem pela UFF, Integrante do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF). Contato: deborah.p16@gmail.com.

Imagens 1 e 2 - #foratemer



Ou seja, o arquivo formado em torno de uma hashtag é aberto e disperso, no qual diferentes formações discursivas, diferentes vozes podem se encontrar. Ao mesmo tempo, no entanto, ele produz este efeito de unidade ao unificar todos estes dizeres em torno de uma mesma tag, aparentando a presença de uma só formação discursiva. Foi, então, pensando neste fio de informações complexo possibilitado pela hashtag que tentamos aproximá-la da noção de arquivo de Pêcheux.

2 HASHTAG E ARQUIVO

Michel Pêcheux, em *Ler o Arquivo Hoje*, toma o arquivo como um “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (2010, p. 51). Ao longo de sua reflexão neste texto, fica perceptível a importância da leitura e da interpretação, postas como gestos fundamentais na construção do arquivo, o que coloca em questão e torna bem mais complexa a definição do arquivo como esse simples campo de documentos disponíveis sobre uma questão já que considera, também, a historicidade e as várias possibilidades de interpretação. Com isso, Pêcheux nos atenta para o risco que é o “policiamento dos enunciados” que levaria ao “apagamento seletivo da memória histórica” presente nos arquivos. Isto corrobora o que diz Robin (2016, p. 316) acerca do fetichismo em relação aos arquivos, ou seja, a ideia de que é fundamental que haja na sociedade uma preservação dos

véstígios, uma acumulação. Este desejo de conservar a qualquer custo, proteger e classificar os arquivos pode tornar, de acordo com a autora, a memória inacessível

Considerando tudo isso, trago Mariani (2016) que, ao tratar a respeito do arquivo no eletrônico, aborda que existe “uma ilusão de organização com uma lógica aparentemente inequívoca, que permitiria tudo encontrar, produzindo um efeito de transparência”. (ibidem, p. 21). Ao lidar, então, com um arquivo digital, é possível cair no efeito de evidência de que as máquinas, e os arquivos e dizeres possibilitados pela tecnologia são produzidos por si só, como se fosse uma entidade autônoma e sobredeterminasse o próprio sujeito. A máquina, então, funciona, conforme Dias (2018), pelo efeito da completude que é produzido por uma ““vocaçãõ totalizante” da própria máquina, da tecnologia. A máquina é colocada, assim, como aquela que não falha” (p. 46).

Desta forma, a hashtag - perpassada pelo digital - causaria o efeito dessa não-falha e da não falta. Tudo estaria, sobre um assunto específico, supostamente, dito em uma hashtag. A hashtag traria o efeito da saturação, do excesso. O excesso de armazenamento de arquivos, de possibilidades de alimentação deslimitada deste arquivo, de conexão entre arquivos; a própria ordenação do arquivo cria um efeito de completude, como se a tecnologia fosse o lugar do inatingível. É como se tudo que tivesse imerso em uma hashtag não fosse perdido e nem esquecido e pudesse ser resgatado com um simples clique ou uma busca. Com isso, a hashtag, que possui em sua própria estrutura um hiperlink possibilita, por si só, pelo seu modo mesmo de existência, um encontro com o(s) outro(s). A possibilidade do clique e, com ela, a conexão com muitos outros sentidos, dizeres e Formações Discursivas a respeito de uma tag é produção de sentido, é a língua produzindo efeitos pelo/no digital e é, por essa produção de sentidos, um encontro.

Desta maneira, entendo que o excesso, característica do digital e das hashtags, atravessado por este encontro com o(s) outro(s) possibilitado pelas conexões, permite uma constante busca, desejo, procura – ou a possibilidade – de um “sentido outro”. A saturação inerente do digital – ou o efeito de completude - não satisfaz, não totaliza e, pelo contrário, dá lugar à falha e à possibilidade do vir a ser. Como já dito, a saturação da qual tratamos quando pensamos no arquivo digital está na

ordem apenas do efeito; há a falta, a possibilidade outra. E é, justamente, por este mar infinito de possibilidades de cliques que um encontro, ou um novo sentido, pode surgir.

Nesta perspectiva, considero pertinente trazer a reflexão de Arlette Farge (2017) a respeito do arquivo judiciário. A autora distingue o arquivo e o material impresso, abordando que o arquivo suscita um efeito de real que nenhum impresso, por mais original que seja, pode provocar. Os impressos seriam intencionalmente direcionados ao público e, assim, são organizados para serem lidos e compreendidos por um grande número de pessoas, além de possuírem uma estrutura fácil de decifrar sendo, portanto, “carregados de intenções” das quais a mais evidente é a de ser “ser lido pelos outros”. Ao contrário do arquivo que, segundo Farge, é um “vestígio bruto de vidas que não pediam absolutamente para ser contadas dessa maneira” e que, de certo modo, “revela um não dito” e “obriga a leitura, “cativa” o leitor, produz nele a sensação de finalmente captar o real e não mais de examiná-lo através do *relato sobre*, do *discurso de*” (ibidem, p. 15). O arquivo age, assim, como um desnudamento, revelando não somente o inacessível mas também o vivo.

Embora a autora esteja tratando de um arquivo específico – o judiciário – é possível trazer a sua reflexão para pensarmos a respeito das hashtags: os variados dizeres e vozes unificados pela hashtag, assim como o material impresso, possuem em si a intenção de serem lidos por um número grande de pessoas (já que foram publicados nas redes) e também são organizados (em torno da tag). Se Farge coloca que a intenção do impresso é a de “ser lido pelos outros”, é possível avaliar que uma das intenções da hashtag é a de organizar dizeres, funcionando muitas vezes como um elemento de busca (através do clique) acerca de determinados assuntos e situações.

Por outro lado, as hashtags se aproximam do que Farge traz sobre o arquivo judiciário no sentido de produzir a “sensação de captar o real”, como se tudo sobre determinado assunto estivesse ali, naquele fio infinito hashtageado, formando uma presença constante e ao mesmo tempo inacessível (já que não cessa de se atualizar). O arquivo judiciário criava essa sensação por ser, como afirma a autora,

mais bruto e vivo; já a hashtag cria o efeito de captar a totalidade e o “real” por, sob a égide do digital, estar afetada pelo excesso e saturação. E sendo um arquivo múltiplo, aberto ao “não um”, no qual muitas vozes se encontram e disputam ao mesmo tempo a hashtag traz sempre a possibilidade para um outro sentido, para o “vir a ser”.

Este outro, ou este “vir a ser” está em diálogo com a definição de resistência de Michel Pêcheux, que a considera como a possibilidade do sentido ser outro, quando o sem sentido passa a fazer sentido. Por esta via, as hashtags podem, então, pela conexão e encontro com o outro, se constituírem como um ponto de resistência.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE RESISTÊNCIA E ANÁLISE: #ELENÃO

Considero resistência, em concordância com Modesto (2016), como não sendo um produto de “uma intenção do sujeito ou do enfrentamento de um grupo contra o outro” pois, “assim como o sujeito não é unidade, mas dispersão, os grupos e ideologias se formam em processos contraditórios de remissão e afastamento” (p. 22). A possibilidade da resistência, então, está na contradição, é “quando, na falha do ritual, o sem-sentido passa a fazer sentido que se pode vislumbrar um espaço para a resistência”. Deste modo, a resistência não está no sujeito, na intenção de um sujeito em se opor, isto seria o que Eni chama de “ilusão da onipotência do sujeito” (2012) que, como coloca Modesto, pode ser traduzida por “juntos podemos tudo”. A resistência está, novamente, na possibilidade do sentido vir a ser outro e, segundo Pêcheux (1990), é:

não entender ou entender errado, não “escutar” as ordens; não repetir as litânias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (p. 17)

Trago também Mariani (2016) que entende a resistência como sendo a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados. É resignificar rituais enunciativos, deslocando processos interpretativos já existentes, seja dizendo uma palavra por outra (na forma de um lapso, um equívoco), seja incorporando o non sens, ou simplesmente não dizendo nada.” (ibidem, p. 26).

3.1 Análise de #Elenão

Neste sentido, para pensar hashtag e resistência, trago uma hashtag muito compartilhada durante as eleições presidenciais de 2018, a #Elenão. #Elenão surge como um gesto de protesto que pretende fazer oposição e repúdio à candidatura do presidenciável Jair Bolsonaro. Este movimento cresceu, principalmente, por conta das ideias machistas do então candidato como a de que “mulheres devem ganhar menos”, afirmações como “tive três filhos homens, na última dei uma fraquejada e veio uma mulher” ou ao fato de não ter, em seu plano de governo, propostas para segurança, saúde e trabalho de mulheres.

Em setembro deste mesmo ano, mulheres do Brasil inteiro se reuniram, somando mais de 4 milhões, em um grupo no facebook denominado “Mulheres Unidas contra Bolsonaro”. O grupo ficou famoso e repercutiu tanto nas redes quanto em jornais e, com isso, apoiadores de Bolsonaro ofenderam virtualmente suas criadoras, *hackeando* suas contas e tirando o grupo do ar. Logo após isso, surge a hashtag #elenao, que teve seu maior pico no *twitter* mas é vista em ruas (imagem 3), camisetas (imagem 4), cartazes e deu nome à grande e histórica manifestação de rua de mulheres contra Bolsonaro no dia 29 de setembro (imagem 5). A repercussão do movimento #EleNãO alcançou grupos de famosos que comumente não se manifestam politicamente. A atriz Deborah Secco foi uma das celebridades que aderiram movimento contra o presidenciável do PSL. Junto a ela, as atrizes Patrícia Pillar e Leandra Leal, e as cantoras Valesca, Pitty e Anitta também demonstraram apoio à campanha e foram responsáveis por picos de engajamento.

Imagem 3 – #elenão na Praça da Cantareira em Niterói/RJ



Imagem 4 – Camiseta com #elenão



Imagem 5 – Manifestação na rua



Imagem 6 – Imagem de mulheres famosos que declaram apoio à #elenão em vídeo



Duas das criadoras do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, Rosana Machado e Juliana Burigo, disseram em entrevista ao Jornal Intercept sobre a #elenão:

Nós temos acompanhado esse fenômeno como um experimento etnográfico desde que decidimos andar com a camiseta ou adesivo #elenão. Somos paradas por mulheres de todas as classes, raças e credos, que querem nos contar da conversa que tiveram com a avó bolsonarista que mora na cidade isolada, com a amiga de balada, com a chefe. É algo de uma força impressionante, que sequer conseguimos ainda descrever.

O #elenão não é mera hashtag: é um fenômeno de politização das mulheres por meio de um profundo processo de rejeição do eleitorado feminino contra Bolsonaro. O #elenão é parte de um continuum de ampliação da participação das mulheres no debate público, e pode crescer para muito além da recusa ao candidato do PSL. “

É possível dizer, então, que #elenao funciona como uma resposta à ameaça que Jair Bolsonaro representa às mulheres e aos seus direitos. Neste sentido, – e considerando que quero pensar resistência, me pergunto: com que sentidos #elenao rompe? Qual o sentido outro – para além da rejeição de Bolsonaro pelo eleitorado feminino - #elenao traz? Quais outros efeitos #elenao produz para além do “enfrentamento de um grupo contra o o outro” do qual trata Modesto?

Nesta perspectiva, tomo as reflexões da socióloga Sandra Grisales, que estuda questões de memória e violência em diversos acontecimentos político-sociais. De acordo com Sandra, a injustiça, a indignação e a vulnerabilidade compartilhadas por todos fazem com que a memória construída a partir de um ato violento (e, aqui, considero como este ato violento as ameaças que Bolsonaro representa para as mulheres) não fale tanto do indivíduo que sofre diretamente, mas diga respeito a um sentimento que liga uns aos outros.

Butler (2006) aborda que a dor vivida e sentida como uma espécie luto público “subministra um sentido de comunidade que presentifica os vínculos”. Acredito que é neste ponto que está a força destes movimentos, manifestações e hashtags: no sentir, na presentificação que liga cada pessoa que sofre pela ameaça, na identificação pelo emocional – que pode ser um recurso político. Os estudos de Sandra a respeito da guerra em Medellín demonstram que o sentimento de indignação, embora se trate de uma reação afetiva, é capaz de impulsionar e acarreta, assim, em um intenso potencial político.

Dito tudo isto, entendo que o motor dessas manifestações e hashtags está, justamente na forma como produzem sensibilidade e sentimento através do afeto coletivo; a força está na vulnerabilidade, no reconhecimento - através da indignação - de que há uma vida prejudicada, um dano causado. E isso tudo se manifesta na língua, nos dizeres. A possibilidade de resistência e ruptura está na própria língua – que possibilita este sentido outro e o encontro com o outro (logo o afeto). Mesmo que Bolsonaro tenha ganhado as eleições e se tornado presidente, o dizer #elenao, o compartilhar, a repetição, o tornar presente #elenao gerou encontros entre links e entre pessoas, suscitou afetividade, pode ter possibilitado um outro sentido justamente por esses encontros e, por isso, é um gesto de resistência.

Lembro da reflexão feita por Eni (2012) a respeito dos sentidos em fuga que, mais que uma deriva, promovem uma fuga dos sentidos. Fuga, aqui, não deve ser entendida como o que foge, mas sim como aquilo que “corre, desliza, vai, ressoa, ecoa, arrebanha sentidos em movimento, em outro lugar” e gera uma “explosão, uma desorganização produzida pelo movimento”. Sendo assim, no funcionamento discursivo do digital e das hashtags, é possível resistir e arrebanhar sentidos em movimento uma vez que a hashtag é, em si mesma, a possibilidade do encontro com o outro. E este encontro também é possibilitado pelo afeto – ou gera afeto(s) - já que os afetos são, essencialmente, de acordo com Dias (2018), produção de sentido para uma falta (de si no outro) daquilo que não pode não significar. Cada nova conexão, novo encontro, novo compartilhamento pode gerar um acontecimento e romper um sentido já estabilizado, levando a sentidos alhures e a uma fuga.

Não quero dizer que a resistência está em cada compartilhamento mas defendo que, por conta da circulação e da repetição inerentes do digital, cada compartilhamento pode vir a ser uma possibilidade de ir além, mover-se, ser outro, bagunçar, incomodar, explodir, fugir. E, seguindo esta reflexão, acredito que essa fuga se potencializa quando abre espaço para o sensível, para a poesia. Em concordância com Dias (2018), assumo que “se a língua é capaz de política, como sabemos que é, a língua capaz de poesia é a única revolução possível no campo dos saberes. A poética da resistência já provou ser a única capaz de mover as massas à rebeldia” (p. 78).

Então, que continuemos resistindo, repetindo, compartilhando não esquecendo o potencial político do afeto e da poesia. Mia Couto diz que a poesia tem mais de um horizonte. Entendo esse “mais de um horizonte” como, justamente, a possibilidade do sentido vir a ser outro, do “não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens (...); mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases (...)” – do qual fala Pêcheux ou até mesmo como a fuga do qual trata Orlandi. #Elenão, mais do que trazer uma resistência pelo própria língua ao fazer oposição a um determinado candidato e aos vários “eles” que este candidato representa, também foi uma hashtag de resistência por ter possibilitado encontros (não somente nas redes, mas nas ruas e demais espaços públicos) e, com isso, afeto e sensibilidade. Mesmo com o período eleitoral finalizado, #elenão significa e ecoa não mais apenas como um gesto de protesto contra um presidenciável mas sim um gesto a favor das mulheres, dos direitos das mulheres: é este encontro que ele não propicia.

Assim, em diálogo com Pêcheux, desejo que usemos nos revoltar e que usemos pensar por nós mesmos para ir ao encontro não apenas de um horizonte novo, mas de muitos horizontes novos possíveis.

REFERÊNCIAS

- Butler, Judith. (2006), **Vida precaria**: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidós
- DIAS, C. **Análise do Discurso Digital**: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo. Pontes Editores. Campinas, 2018.
- FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- GRISALES, S. Fazer visíveis as perdas: Morte, memória e cultura material. **Tempo soc.** [online]. 2016, vol.28, n.1, pp.85-104.
- MARIANI, B. Da incompletude do arquivo: teorias e gestos nos percursos deleitura. **Resgate** - Rev. Interdiscip. Cult., Campinas, v. 24, n. 1 [31], p. 9-26, jan./jun. 2016
- MODESTO, R. Uma outra cidade ? A Resistencia é possível e o efeito de resistência: uma proposta. **Forum Linguístico** – Revista de Linguística. V. 1, n. 3. Florianópolis, 2016
- ORLANDI, E. “A fuga de sentidos: efeitos da polissemia e do silêncio”, in: Sujeito, Sociedade, Sentidos, G. Carrozza e T. Domingues da Silva (org.), Campinas: RG,

PAVEAU, Marie-anne. “**Hashtag**“, Technologies discursives. 2013. [Carnet de recherche]. Disponível em: <<http://technodiscours.hypotheses.org/488>>. Acesso em: 10 de maio de 2017

_____. **L’analyse du Discours Numérique**. Dictionnaire des formes e des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 4ªed. - Campinas: Editora UNICAMP, 1990. Edição original: 1975.

_____. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos**. Trad. José H. Nunes. In: Cadernos de Estudos Linguísticos 19, p. 7-24. Campinas, IEL/UNICAMP, 2010. Edição original: 1982.